



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: APROXIMAÇÕES COM A HERMENÊUTICA...<sup>1</sup>

Angelica Madela  
Jamile Dal Cin  
Sara Both Rezende  
Ricardo Rezer

### RESUMO

*Este texto tem por objetivo abordar possíveis aproximações entre a formação de professores no campo da Educação Física (EF) e um referencial hermenêutico. No primeiro momento, apresentamos uma breve compreensão de hermenêutica. Em seguida, abordamos a questão da hermenêutica no processo de formação de professores e especificamente no campo da EF. Concluímos que levar a sério esta discussão na formação de professores de EF representa esforço complexo, na medida em que abrimos mão do conforto dos dogmas e pensamentos feitos, e mergulhamos na possibilidade de inflexão sobre os diferentes conhecimentos que entendemos como pertinentes para constituir um processo de formação docente no campo da EF.*

*PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Hermenêutica; Formação de professores.*

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é abordar possíveis aproximações entre hermenêutica e a formação de professores no campo da Educação Física (EF), realizando algumas reflexões acerca do tema proposto. O argumento central é de que o processo de formação de professores necessita incorporar um sentido formativo amplo nas suas práticas educativas, ultrapassando os limites das finalidades técnicas – dimensão imprescindível, porém, insuficiente em um processo de formação docente. Para tal, temos de aprender a reconhecer a pluralidade política e epistemológica do campo da EF como uma possibilidade que venha a enriquecer propostas de formação de professores neste campo.

Para dar conta de tal objetivo, em um primeiro momento apresentaremos uma breve compreensão de hermenêutica, com a qual trabalharemos neste texto. Num segundo momento, abordaremos a questão da hermenêutica no processo de formação de professores de maneira ampla e também específica no campo da EF. Visualizamos no diálogo uma possibilidade de construção de novos sentidos, e através de um esforço hermenêutico, a possibilidade de conviver com outras maneiras de interpretar os conhecimentos referentes à

---

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



EF. Por último, fazemos uma reflexão acerca da hermenêutica no contexto da EF, onde trabalhamos com a ideia de que este referencial possibilitaria uma compreensão mais elaborada e alargada acerca do processo de formação de professores neste campo.

## APROXIMAÇÕES INTRODUTÓRIAS ENTRE HERMENÊUTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES...

Aproximações entre hermenêutica e o campo da EF, conforme apontado por Quintão de Almeida *et all* (2012), ainda são bastante recentes. Segundo os autores, não existe, na área, uma tradição de estudos propriamente hermenêuticos. “Só recentemente alguns pesquisadores têm feito esforços inéditos nessa direção, com destaque para Fensterseifer (2009, 2010) e Rezer (2010)”.

Assim sendo, cabe neste princípio de texto, apresentar brevemente uma reflexão sobre a compreensão de hermenêutica que vamos assumir ao longo da escrita. Certamente, mais do que uma “definição de termos”, pretendemos, de forma didática, situar o referencial de fundo com o qual iremos abordar o campo da EF, especialmente neste caso, no que se refere à formação de professores<sup>2</sup>.

De origem grega, hermenêutica, se origina do verbo *hermeneuein*, e significa interpretar – já no substantivo, significa interpretação. Segundo Ruedell (2005, p.224), o uso desta palavra remete a mitologia grega, mais precisamente ao deus Hermes, conhecido como deus mensageiro. “Hermes associa-se à transmutação, à transformação de tudo o que está acima da compreensão humana, tornando-o acessível à inteligência humana”. A partir disto, a hermenêutica representa um esforço para tornar compreensível o que é distante e obscuro - um esforço que, sobremaneira, muito interessa a um processo de formação de professores de EF<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Temos clareza das discussões presentes no campo da EF acerca das divergências acerca das expressões *professor* e *profissional*. Porém, neste texto, não iremos abordar este debate, devido a seu escopo. Nesse texto, trabalhamos com a ideia de que um egresso de um curso de formação inicial em EF se trata de um professor, que pode atuar em diferentes contextos de docência. No caso em tela, entendemos que um pressuposto para a intervenção no campo da EF é a intervenção pedagógica, quer seja na EF escolar, em uma academia, escolinha de esportes ou clube, entre outros.

<sup>3</sup> Em termos mitológicos, também poderíamos remeter as raízes do termo à imagem do anjo Gabriel, que anunciou o Salvador para os cristãos. A comparação entre os dois se deve ao fato de ambos serem mensageiros, porém, de mensagens diferentes. Neste caso, Hermes seria o mensageiro a que se refere à hermenêutica, deus pagão, e Gabriel faz parte da narrativa religiosa-teológica cristã. Importante destacar que, em muitos aspectos, o cristianismo carrega em si, derivações muito profundas da tradição grega.



Corroborando com Ruedell, Hermann (2002 p.24) afirma que “a hermenêutica carrega consigo a ideia de tornar explícito o implícito, de descobrir a mensagem, de torná-la compreensível”. Ruedell (2005) afirma ainda que a hermenêutica não é apenas “interpretar por interpretar”, pois está também relacionada ao sentido de dizer ou anunciar, de traduzir e de explicar – aqui a noção de sentido adquire caráter de extrema importância. Para Palmer (2011) esses verbos podem ser expressos por interpretar – mas, se cada um tem um sentido próprio e relevante do termo interpretação, aqui se apresenta uma questão que nos interessa, a produção de sentidos em comum como possibilidade de ensinar e de aprender no mundo comum. Neste caso, a formação de professores passa pelo sentido da formação, pelo sentido do compromisso de *ser professor*, bem como, pelo sentido do conhecimento na edificação de uma trajetória docente.

Porém, os referenciais da hermenêutica não são consensuais *per se*. Há significativa divergência acerca da produção de sentidos, inclusive sobre o sentido da hermenêutica no contemporâneo. Em muitos casos, há uma subvalorização do potencial hermenêutico, tal como se ela representasse, quando muito, um referencial metodológico. Certamente, concordando com Gadamer (2007), a hermenêutica representa bem mais que uma metodologia.

Para Ruedell (2005), baseado em Günter Scholtz, a hermenêutica vem sendo compreendida, entre outras, de três formas: a hermenêutica técnica, a hermenêutica filosófica e uma filosofia hermenêutica. A hermenêutica técnica consiste em um conjunto de teorias ou orientações para a prática da interpretação, ensinando sobre como interpretar corretamente, como proceder e compreender a verdade de um texto. Já a hermenêutica filosófica não tem preocupação com as normas de como proceder à interpretação, mas visa compreender o que possibilita a interpretação e a compreensão da interpretação, bem como, pergunta pelas condições de possibilidade da compreensão. E no que se refere à filosofia hermenêutica, sinaliza que a atividade filosófica é essencialmente interpretação, sem chegar à realidade, ou seja, é dar um sentido ou uma versão da realidade, sem nunca chegar propriamente a ela, resultando em uma rede de interpretações infinitas.

Assim, a hermenêutica técnica, de nossa parte, não contempla mais o atual estado de discussão da hermenêutica. Já a hermenêutica filosófica, segundo Gadamer (2007), não representa uma metodologia específica para o campo das ciências humanas, mas antes disso, representa uma tentativa de compreender o sentido do que denominamos de ciências



humanas, bem como, o que as liga à totalidade de nossa experiência de mundo. Em relação à filosofia hermenêutica, trata-se do esforço de interpretar a realidade humana, e ser orientada através dela, sem nunca esgotar a possibilidade de sentido de mundo.

Assim sendo, o esforço hermenêutico, a partir da ampliação de nossa compreensão sobre ele, amplia também as relações e as possibilidades de interpretar e compreender os fenômenos que vivenciamos no processo de intervenção pedagógica. Ou seja, possibilita a construção de espaços para a aproximação entre diferentes, através do diálogo que permita aos sujeitos envolvidos a constituição de um campo para a ampliação da capacidade de interpretar e produzir sentidos em comum. Daí nossa aproximação com a hermenêutica filosófica, a partir, especialmente do referencial clássico de Gadamer (2007), bem como, de autores contemporâneos, tais como Hermann (2002), Ruedell (2005 e 2007), Palmer (2011), entre outros.

Corroborando com os argumentos apresentados, bem como, aproximando a discussão do contexto da formação de professores, Ruedell (2007, p.17) sinaliza para a possibilidade de pensar que, “as práticas em sala de aula e todo o atual estado de discussão teórica sobre ensino e aprendizagem têm em sua base de sustentação uma discussão hermenêutica”, mesmo que às vezes não nos percebamos disso.

Nessa direção, Hermann (2002) aborda as relações entre hermenêutica e educação, enfatizando que a hermenêutica possibilita à educação tornar-se esclarecida para si mesma acerca de seus próprios pilares de justificação, “por meio do debate a respeito das racionalidades que atuam no fazer pedagógico” (p.83), proporcionando à educação a interpretação do seu modo de ser, em suas múltiplas faces. Diante disto, a autora expõe que a hermenêutica, a partir do momento que identifica uma dimensão criadora da compreensão, amplia-se o sentido da educação para além da normatividade técnico-científica. Esta ampliação de sentido é o processo educativo de uma experiência própria do aluno, que acontece pela linguagem.

Assim, o processo educativo extrapolaria a relação hegemônica sujeito-objeto (pautada pelas referências da ciência clássica), na qual, há um sujeito que domina o objeto. Concordando com Paviani (2014), a interpretação hermenêutica põe em círculo o sujeito e objeto, redimensionando suas representações, de tal maneira, que aquele que interpreta algo, antes de tudo, interpreta a si mesmo.



Nesse sentido, Gadamer (*apud* Hermann, 2002) é a favor de uma abertura da experiência educativa, entendendo a posição do aluno como alguém que necessita ter seus limites e capacidades respeitados, já que, somente assim pode realizar sua própria experiência, possibilitando a ampliação do conhecimento do que está sendo vivenciado. Neste caso, a hermenêutica, concordando com Paviani (2014), recupera e revitaliza a audição do outro como pressuposto para a produção de sentidos em comum.

Para tal, Gadamer (2007) trabalha com a noção de “fusão de horizontes”, onde um horizonte não significa uma fronteira rígida, mas algo que nos acompanha conforme nosso avanço. Esta expressão propõe a possibilidade do entendimento, onde cada sujeito observa o mundo através de um horizonte, e na busca de estabelecer entendimento com os outros sujeitos, estes horizontes recuam ou avançam, transformando a maneira como o sujeito se relaciona consigo mesmo e com o mundo<sup>4</sup>.

Assim, a ação educativa, através de uma reflexão hermenêutica, implica na compreensão de algo ou alguém, produzindo antes de tudo, uma autocrítica sobre si mesmo. Aquele que compreende não adota uma atitude de superioridade, mas permite um exame de sua suposta verdade, de seus próprios preconceitos. Isso só ocorre no espaço do diálogo, possibilitando uma ação autocrítica (HERMANN, 2002), esforço nada fácil, em se tratando da formação de professores. Para Hermann (2002, p.86),

A experiência educativa, enquanto hermenêutica, exige a exposição ao risco, às situações abertas e inesperadas, coincidindo com a impossibilidade de assegurar a tais práticas educativas uma estrutura estável, que garanta o êxito da ação interventiva.

Quando falamos de hermenêutica na educação, especificamente no caso deste texto, na formação de professores, não se pode deixar de reconhecer a experiência do estranhamento, esta que causa a desorientação e desestabilização provocando uma quebra da regularidade metódica, causando uma ruptura com a situação cotidiana.

---

<sup>4</sup> Um horizonte, conforme Gadamer (2007), não é uma fronteira rígida, mas algo que se desloca conosco, conforme nosso avanço, e que convida a seguir adentrando, se movendo junto com nosso próprio avanço. Contribuindo com essa questão, Lawn (2007) lembra que se trata de um termo usado inicialmente por Friedrich Nietzsche e Edmund Husserl, para se referir a determinado ponto de vista ou perspectiva do mundo. Gadamer o entende como o alcance da visão que inclui tudo que pode ser visto, a partir de uma determinada perspectiva de mundo (2007, p. 304). Nessa direção, para Gadamer, a “fusão de horizontes” trata-se de uma expressão importante, que descreve a possibilidade do entendimento. Desta forma, cada sujeito perspectiva o mundo através de um horizonte e, na tentativa de estabelecer entendimento com outros, estes horizontes avançam ou recuam, modificando a forma como o sujeito se relaciona com o mundo e consigo mesmo.



Além da experiência do estranhamento, temos a experiência do conhecer, que ocorre no diálogo, “que implica o deslocamento da possibilidade de chegar ao conhecimento por uma ação da consciência do sujeito para dar relevância à conversação”. (HERMANN, 2002, p.90). Desta forma, aprender realiza-se por intermédio do diálogo, tornando explícito a relação entre compreender, aprender e dialogar.

O diálogo consiste então, na possibilidade de experimentar nossa singularidade e a experiência do outro com suas negações e aprovações. Isso só ocorre quando ele, o diálogo, nos “deixa” algo. Segundo Gadamer (*apud* HERMANN, 2002, p.91) o diálogo não é a experiência de algo novo, mas sim “algo outro que veio ao nosso encontro que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência do mundo”. Assim, o diálogo possui uma força transformadora por princípio. Onde é bem-sucedido algo “fica em nós”, algo que nos transforma, de imediato ou ao longo do tempo, representando uma experiência genuína de mundo.

Hermann (2002), baseada em Gadamer, apresenta alguns tipos de diálogo bastante pertinentes ao debate ora proposto. Entre eles, encontramos o diálogo pedagógico que ocorre entre professor e aluno no processo de ensino, onde a experiência educativa primeira se sustenta na linguagem vivenciada no diálogo, que possibilita ao homem constituir-se frente a si mesmo e aos outros. Outro tipo de diálogo é a negociação, que tem êxito quando se estabelece um acordo entre os sujeitos, pressupondo que se precisa sempre saber ouvir, superando as próprias limitações acerca de nossa capacidade de escuta.

Exigindo a participação dos envolvidos, o diálogo autêntico expõe nossas posições sobre conceitos e pré-conceitos. Neste diálogo, quando não existe dificuldade de conversação, os participantes podem se colocar abertos para refletir e mudar sua posição perante o jogo que o próprio diálogo representa. Já a incapacidade para o diálogo é quando o sujeito não está aberto para o jogo dialógico, pois não consegue considerar o outro, já que se encontra imerso em sua própria verdade de mundo. “Essa incapacidade, segundo Gadamer, pode ser tanto subjetiva, resultante da incapacidade de ouvir, como objetiva, pela ausência de uma linguagem comum”. (HERMANN, 2002, p.93).

As palavras que estão presentes no diálogo, juntas, representam um conjunto de um processo de pergunta e resposta, significando o que está sendo dito e ouvido. As palavras também questionam, configuram identidades e apontam diferenças, dando sentido ao diálogo.



Assim, através do diálogo, inicia-se um conhecimento que não estava exposto para os envolvidos, e novas explicações e sentidos surgem.

Hermann (2002, p.95) afirma que, através do diálogo, há uma abertura de horizontes que possibilita à educação “fazer valer a polissemia dos discursos e criar um espaço de compreensão mútua entre os envolvidos”. Assim, a educação é o lugar do diálogo, da palavra e da reflexão, ultrapassando os conhecimentos, conduzindo-nos à formação pessoal, bem como, produzindo diferentes formas de objetividade, construídas pelo diálogo, esforço alicerçado em referências intersubjetivas.

Na condição de ampliar esta discussão, Menezes (2013) apresenta a hermenêutica filosófica como uma possibilidade de contraposição ao modelo dominante científico-metodológico como única forma na construção do conhecimento, resgatando o interpretar e o produzir sentido dos sujeitos como balizadores para as relações entre humanos. O autor cita Gadamer (2007), para afirmar que a hermenêutica, ao caracterizar-se como jogo filosófico e pedagógico, possibilita superar o reducionismo da ciência moderna em mero controle de metodologias científicas. Pois, através de uma perspectiva da hermenêutica, a educação,

Abre um modo de filosofar e educar que problematiza a compreensão da experiência humana no mundo, um mundo que desde já se oferece interpretado. Por isso, o seu problema central é mostrar que a verdade, enquanto jogo (experiência e vivência), é interpretação, é um ato histórico-cultural: um acontecer efetual. (MENEZES, 2013, p.63).

Nesse sentido, a formação afetada pela hermenêutica desenvolve uma compreensão ao sentido do saber cultural, promovido sempre na intersubjetividade entre sujeitos. Compreender uma abordagem hermenêutica da educação revê a formação humana como um conceito histórico, constituindo um elemento essencial para as ciências humanas. Para Hermann (2002, p.102),

A possibilidade compreensiva da hermenêutica permite que a educação, como processo formativo, vincule o “eu” e o mundo, de forma a dar sentido àquilo que não vem só de nós mesmos, reconhecer a verdadeira grandeza das produções culturais que abrem o mundo e com isso, enriquecer nossa própria interioridade.

Desta maneira, a formação é um espaço de abertura do reconhecimento de outros sujeitos, possibilitando nossas capacidades de dar sentido aquilo que vem de fora de nós,



compreendendo o outro e o saber cultural produzido também historicamente. A partir destas reflexões, abordaremos a seguir aproximações entre a hermenêutica e a formação de professores especificamente no campo da EF, tema proposto no início deste texto.

## HERMENÊUTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA...

É possível inferir que a EF contemporânea se constitui de diferentes subcampos que vêm enfrentando dificuldades para o diálogo entre si, evidenciando muito mais um movimento de disputa política e epistemológica entre diferentes “Educações Físicas”. Nesse caso, a disputa interna, a desigualdade nas relações de poder e/ou o desinteresse por outros saberes são algumas das possíveis razões para esta configuração contemporânea do campo – certamente, esforços na direção contrária desse argumento vêm se avolumando nos últimos 10 anos, ainda sem a devida densidade.

Este cenário, sem dúvidas, se reflete no processo de formação de professores, que via de regra, acaba assumindo como referência, diferentes subcampos da EF na edificação de propostas curriculares. Nessa direção, cabe destacar que processos de formação de professores são constituídos, em maior ou menor medida, por diferentes “Educações Físicas”, que acabam se constituindo como referências para o trabalho dos professores de futuros professores.

Na direção de lidar melhor com tal diversidade, no âmbito da formação inicial, visualizamos no diálogo um caminho para a construção de novos sentidos, diante de um esforço hermenêutico de interpretação que permita conviver melhor com diferentes formas de interpretar fenômenos relativos à EF, por meio do qual, diferentes comunidades científicas e políticas constituídas neste âmbito possam se relacionar, com finalidades pedagógicas, sem perder de vista suas especificidades.

Diante desta disputa de projetos dentro do campo, que se reverberam em diferentes arranjos na composição de processos de formação docente, Fensterseifer (2009) nos lembra de que problemáticas como esta não se restringe somente a EF. Outros campos do conhecimento apresentam também diferentes interpretações acerca de seus fenômenos, como por exemplo, a Biologia e a História, que acabam se desdobrando em diferentes proposições curriculares para a formação de professores, também nestes âmbitos. Para o autor, a busca pela legitimação da EF se configura a partir da própria maneira com que lidamos ao produzir



conhecimento – e acrescentamos, como este conhecimento se coloca na condição de conhecimento válido em processos de formação docente. Diante de questões como estas, entendemos a hermenêutica como uma possibilidade para pensarmos o que Fensterseifer denomina de “responsabilidade pedagógica da Educação Física” (p.252). Para tanto, destaca que,

Hermenêutica não descarta a pretensão de objetividade das ciências (naturais ou humanas), mas não tem ilusões de que elas esgotem o sentido dos temas/objetos sobre os quais anuncia suas conclusões. Reconhece no método científico um potencial explicativo e funcional extremamente engenhoso, porém, não ignora que suas possibilidades são parciais, e nisso não vai nenhum demérito. (FENSTERSEIFER, 2009, p.253).

Assim, a hermenêutica pode ser entendida como um princípio transformador para o campo da EF, onde o esforço hermenêutico se refere ao sentido da interpretação, gerando novas e maiores janelas para o mundo, permitindo a constituição de aberturas na direção de uma nova dimensão para a formação docente, sem pretensões de uma posição definitiva. Assim, assumindo uma postura gadameriana, visualizamos a formação de professores como um processo de construção de diálogos entre os sujeitos envolvidos, que representam diferentes “Educações Físicas”, o que permitiria a edificação de sínteses, derivadas de distintos horizontes, no qual a fusão entre eles permitiria a abertura de novas e maiores perspectivas para propostas de formação de professores neste campo.

Para tal, mais do que “defender” uma comunidade ou outra, o desafio maior é compreender como elas se constituem, bem como, seu projeto para o campo e os mecanismos que possibilitam sua “influência” em propostas de formação. Se entendermos a formação de professores como um processo de busca de autonomia, de aprender a pensar por si, sem a direção de outrem, respondendo com responsabilidade pelas escolhas feitas, reconhecemos a importância de uma visão panorâmica sobre as diferentes “Educações Físicas” como uma responsabilidade inalienável de propostas de formação docente. Nesse sentido, mais que a necessidade de “filiação” a um determinado subcampo, reconhecemos a importância de fomentar, no futuro professor, o desejo de conhecer, de querer saber mais sobre o campo específico da formação, tal como a EF, em suas múltiplas dimensões, bem como, suas conexões com outros campos do conhecimento. O trabalho docente nos processos de



formação de professores se apresenta então, no sentido de ampliar os horizontes, sem cometer o equívoco de assumir uma formação estreita, especializada precocemente.

Nesse sentido, ao compreender a hermenêutica como um caminho para o pensar, construir um olhar hermenêutico sobre a formação docente em EF não se trata de pouca coisa, pois instiga a construção de horizontes interpretativos acerca de si mesmo, do outro e do mundo, possibilitando a construção de horizontes compartilhados entre os sujeitos, ao mesmo tempo em que estimula um olhar sobre os significados de ser professor e do ato de ensinar. Assim, se torna um grande desafio na formação de professores de EF, possibilitar ao estudante uma compreensão alargada da EF enquanto campo de conhecimento, no qual possa ser atribuído um estatuto epistemológico capaz de romper com um processo que o reduz a uma atividade prática instrumental.

Berticelli (2004, p.297) sinaliza, a partir de um referencial hermenêutico, o trabalho docente como condutor de um campo de liberdade do fazer educativo, que “nos afasta de pressupostos dogmáticos e fundacionalistas por princípio. Esta é uma condição atrativa e motivadora ante as demandas de novas formas de entender o conhecimento em nosso tempo”. Ou seja, assumir a hermenêutica como referência se coloca na contramão de fomentar dogmas e pensamentos feitos. Eis aqui, um nobre empreendimento derivado de aproximações com a hermenêutica: concordando com Gadamer (2001), a hermenêutica representa, na contemporaneidade, um caminho para pensar por si. Segundo ele, não se aprende nada que não tenha sido pensado por si mesmo.

Neste caso, a *maiêutica*, de tipo socrático, tal como referido por Paviani (2014), se coloca na condição de esforço privilegiado como meio de ampliação da capacidade de professor e aluno conduzirem-se na direção de produzirem sentidos em comum, tomando o jogo de pergunta e resposta como referência no cotidiano da formação.

Neste caso, a docência em EF pode ser compreendida como um jogo de pergunta e resposta, considerando a noção dialética da pergunta e da resposta fundamentada em Gadamer (2007). O ponto de partida é a pergunta que coloca o sujeito em um horizonte amplo, sendo que a resposta não está determinada a priori por nenhuma entidade supra humana, mas se edifica na medida em que passa a fazer sentido para os envolvidos. Compreender, orientado pelo horizonte da pergunta, é compreendê-la no momento em que os sujeitos compartilham do mesmo horizonte. Assim, o círculo hermenêutico, pelo diálogo da pergunta e da resposta, como se refere Berticelli (2004), nos leva a complexidade da epistemologia, esforço



necessário para compreender o conhecimento implicado e pertinente à formação de professores no campo da EF.

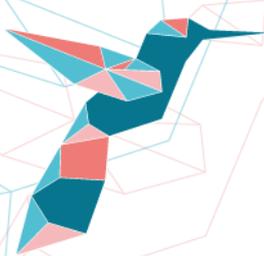
Nessa discussão, as relações entre professor e aluno e entre estes e o conhecimento, adquire um “novo *status*”, mais fluído e móvel, que se demonstra, ao mesmo tempo, como uma situação nova a cada instante. Aqui, a fluidez do próprio campo da EF permite entender a fluidez e multidimensionalidade na produção do conhecimento, aspecto que impacta sobremaneira a formação de professores.

Ainda, permite compreender que a busca de conhecimento é sempre uma busca de sentidos, como afirma Berticelli (2004). Assim, pensar na intervenção do professor e no conhecimento a ser tratado (dotado de sentido), é um processo que necessita de negociações e de uma disposição de olhar na mesma direção, tanto de professor como de aluno. Necessário reconhecer que a intervenção pedagógica se dá com outros sujeitos e não sobre outros sujeitos, e que o encontro entre professor e aluno e seus diferentes mundos, permite uma ampliação da janela pela qual ambos veem seus próprios mundos, ampliando a própria compreensão construída pela tradição (polissêmica) do campo da EF.

Porém, o encontro entre diferentes horizontes e o processo de produção de sentidos na formação de professores, nunca é alcançado inteiramente, pois entre o que o professor fala e o que o aluno escuta (ou vice-versa) há uma lacuna, um mundo de distância. É neste ponto que entendemos como um dos objetivos principais do trabalho docente num curso de formação de professores de EF, diminuir essa distância entre os mundos do professor e do aluno, através da construção de sentidos em comum aos sujeitos constituintes desse cenário.

Com esta postura, não há como repetir matéria nas aulas, mesmo considerando os conceitos já existentes do conteúdo proposto, pois há uma confluência de sentidos que precisa acontecer em diversos momentos durante a aula, que poderá ocasionar um abrir e fechar caminhos, certas vezes tão rápido que obriga o professor a se manter vigilante sobre aquilo que se desenrola na aula. Assim, interpretar e compreender o que *aparece* na aula deve ser levado a sério, pois a aula é sempre um acontecimento que não se repete.

Pensar na hermenêutica como um princípio transformador, representa uma postura de suma relevância no trabalho docente na formação de professores de EF, pois a riqueza que o movimento hermenêutico proporciona gera sempre novas janelas para o mundo, o que permite a construção de novos sentidos e significado acerca da EF, do trabalho docente neste campo, bem como, das responsabilidades do processo de formação de professores.



Portanto, uma orientação hermenêutica para o campo da EF poderia permitir aos professores e estudantes uma maior capacidade de percepção frente à diversidade que este campo se edifica, sem a necessidade de “escolher” (muitas vezes, sem conhecer) aquilo que mais lhe agrada ou convence. Desta forma, a hermenêutica poderia ampliar a capacidade dos discentes e docentes de lidarem com o diferente, onde podem ampliar possibilidades dialógicas como um princípio ético de docência e do aprender a *Ser professor*. Desta forma, amplia-se a estrutura de referências que orientam as discussões da EF, partindo da suposição que a constituição de verdades acontece por produção de sentidos em contextos coletivos. Levar esta discussão para a formação de professores de EF representa esforço complexo, na medida em que abrimos mão do conforto dos dogmas e pensamentos feitos e mergulhamos na possibilidade de inflexão sobre o conhecimento que entendemos como pertinente para constituir processos de formação docente no campo da EF.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para pensar em um referencial hermenêutico na formação de professores no campo da EF, é necessário refletir sobre sua possibilidade e responsabilidade dentro deste contexto. Neste caso, a hermenêutica filosófica busca ampliar o sentido da formação para além de uma compreensão técnico-científica, pensando num processo educacional em que a experiência do professor e aluno aconteça no e pelo diálogo.

Diante disto, é necessária a reflexão sobre as *escolhas* epistemológicas que se desdobram em conteúdos, metodologias e modos de avaliação utilizados pelos docentes em processos de formação docente. Muitas vezes, se aliam e representam uma hegemonia não pensada, que acaba por reduzir o espaço do acontecimento da experiência, tanto do professor como do aluno (por vezes, sem a consciência deste reducionismo). Baseados em Gadamer (2007), o professor precisa compreender o aluno como sujeito que possui limites e capacidades que devem ser respeitados, possibilitando assim a ampliação do conhecimento através da experiência. Constituir experiências de conhecimento representa então, uma possibilidade significativa que se abre a partir de aproximações com o referencial hermenêutico ora proposto.

Esta experiência possibilita, entre docente e discente, o diálogo, que ocorre através da conversação entre sujeitos. Assim, o diálogo permite a compreensão e o aprendizado, em um eterno “de novo” como se fosse, sempre, a “primeira vez”. Podemos considerar então, que o



diálogo também proporciona aos sujeitos envolvidos a troca de conhecimentos diferentes e divergentes, respeitando as opiniões, sem absolutizá-las, conduzindo a uma fusão de horizontes, o que permite considerar novas perspectivas através de novos horizontes que se abrem.

Desta maneira, a hermenêutica possibilita à formação humana, compreender o sentido do saber cultural produzido pela história, esforço necessário para a formação de professores. No caso em tela, compreender que este saber produzido no/pelo campo da EF não é monolítico, mas fluído, multidimensional, constituído por diferentes epistemologias, interesses e jogos de poder que se enredam em propostas de formação docente.

Através deste processo, é possível aprimorar nossa capacidade de reconhecer e lidar com as diferenças conceituais do próprio campo, ao significar aquilo que está presente em nosso entorno, podendo compreender o outro e os saberes existentes, neste caso, no interior do campo da EF e suas relações com outros saberes e outras dimensões de mundo.

Levar esta discussão para a formação de professores de EF, considerando as manifestações da cultura corporal de movimento com as quais nos aproximamos na condição de professores, eleva nossas possibilidades de lidar com fenômenos que jogam conosco, que nos subtraem a condição de sujeitos, que nos arrebatam de tal forma, que nos transformam, tais como o esporte, o jogo, a dança, entre outros. Mergulhar na profundidade desta assertiva representa um desafio para pensar o esporte, a dança, o jogo, bem como, nossa compreensão acerca destes fenômenos e os referenciais com os quais nos fundamentamos para atuar em processos de formação de professores, na condição de professores que ensinam estudantes a serem professores. Talvez aí, no reconhecimento desta síntese conclusiva, resida uma possibilidade de ampliação dos trabalhos de natureza hermenêutica no campo da EF brasileira.

## TEACHER TRAINING IN THE FIELD OF PHYSICAL EDUCATION: APPROACHES TO HERMENEUTICS

### ABSTRACT

*This text aims to address possible approaches between teacher education in the field of physical education (PE) and a hermeneutic reference. At first, we present a brief understanding of hermeneutics. Next, we address the issue of hermeneutics in the teacher education process and specifically in the field of PE. We conclude that take seriously this thread in PE teachers education is complex effort, in that we give up the comfort of dogmas*



*made and thoughts, and plunged into the possibility of turning on the different knowledge we understand as relevant to be a process of teacher education in the field of PE.*

*KEYWORDS: Physical Education; Hermeneutics; Teacher education.*

## FORMACIÓN DEL PROFESORADO EN EL ÁMBITO DE LA EDUCACIÓN FÍSICA: ENFOQUES DE LA HERMENÉUTICA...

### RESUMEN

*Este texto tiene como objetivo abordar los posibles enfoques entre la formación docente en el campo de la educación física (EF) y un referencial hermenéutico. En un primer momento, se presenta una breve comprensión de la hermenéutica. A continuación, abordamos el tema de la hermenéutica en el proceso de formación de los docentes específicamente en el campo de la EF. Llegamos a la conclusión de que tomar en serio este tema en la formación de profesores de educación física es un esfuerzo complejo, en el que damos a la comodidad de los dogmas y pensamientos hechos, y se sumergió en la posibilidad de convertir en los diferentes saberes que entendemos como relevantes para constituir un proceso de la formación de docentes en el campo de la EF.*

*PALABRAS CLAVES: Educación Física; Hermenéutica; Formación de docentes.*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTICELLI, I. A. *A origem normativa da prática educacional na linguagem*. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

FENSTERSEIFER, P. E. Linguagem, hermenêutica e atividade epistemológica na Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 243-256, outubro/dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_. Educação Física: atividade epistemológica e objetivismo. *Filosofia e Educação: Revista Digital do Paidéia*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 99-110, out. 2010.

GADAMER, H. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2007.

\_\_\_\_\_. *Uma conversa com Gadamer*. Entrevista realizada por Raquel Abi-Sâmara. UERJ, 2001. Disponível em:

<<http://www.apario.com.br/forumdeutsch/revistas/vol9/umaconversacomgadamer.pdf>>.

Acesso em: 13 de março de 2015.

HERMANN, N. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAWN, C. *Compreendendo Gadamer*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MENEZES, N. C. R. *Pensamento complexo e hermenêutica filosófica: o ser docente*. Dissertação. Mestrado – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Unoesc/Joaçaba, 2013.



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

PALMER, R. E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 2011.

QUINTÃO DE ALMEIDA, F.; BRACHT, V.; VAZ, A. F. Classificações epistemológicas na educação física: redescrições... *Movimento*. Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 241-263, out/dez de 2012.

RUEDELL, A. Hermenêutica. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). *Dicionário crítico de Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 223-227.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica e ensino. In: POMMER, A.; FRAGA, P. D.; SCHNEIDER, P. R. (Orgs.). *Filosofia e crítica*. Festschrift dos 50 anos do curso de filosofia da Unijuí. Ijuí: Unijuí, 2007.